

---

## RODA DE VERSOS: PRETEXTOS PARA BRINCAR, COMPARTILHAR E ENCANTAR

---

Maria Rosana do Rêgo e Silva<sup>1</sup>  
Ana Rosa Costa Picanço Moreira<sup>2</sup>

### Apresentação

Este trabalho pretende compartilhar as experiências com gêneros da tradição oral, especialmente as quadrinhas populares de duas turmas da Educação Infantil, uma do 1º período e outra do 2º período, de uma escola municipal de Juiz de Fora – MG, que ocorreram durante o segundo semestre de 2015. O enfoque do trabalho se deteve no caráter oral e na dimensão lúdica dos textos, promovendo momentos de fruição, encantamento, brincadeiras, interação cultural, confirmando a vocação primeira dos gêneros da tradição oral. A relevância do trabalho está na sua contribuição para preservar os textos da tradição oral e desenvolver a expressão oral de crianças.

### Contexto Educacional

A escola pertence à rede pública municipal e situa-se no bairro Grajaú, atendendo a 200 crianças da comunidade e adjacências. Funciona em dois turnos manhã e tarde, oferecendo a Educação Infantil (creche – 3 anos ao 2º período) na faixa etária de 3 a 5 anos de idade e o 1º Ano do Ensino Fundamental, na faixa etária de 6 anos. As famílias atendidas são, em sua maioria, de classe baixa com renda de até dois salários mínimos.

Todas as professoras da instituição são graduadas, e a maioria possui especialização. No momento, duas estão em processo de doutoramento.

Na ocasião da experiência, a turma do 1º período contava com um total de 19 crianças, sendo 10 meninas e 09 meninos, entre 4 e 5 anos de idade e o 2º período com um total 16 crianças, sendo 08 meninos e 08 meninas, entre 5 e 6 anos. De modo geral, as crianças das turmas eram bastante participativas e recepcionavam muito bem as propostas de trabalho apresentadas ao grupo.

---

1 Mestranda em Educação – PPGE/UFJF  
[m.rosanarego@hotmail.com](mailto:m.rosanarego@hotmail.com)

2 Professora da Faculdade de Educação – UFJF  
[anarosamaio@uol.com.br](mailto:anarosamaio@uol.com.br)



## Referencial Teórico

Para Vigotski (1985, 2002) a linguagem é a principal ferramenta por meio da qual homem se apropria da cultura, tornando-se humano. Toda relação que a criança estabelece com o mundo é mediada pela linguagem. Porém, a aprendizagem de uma língua não é um processo natural como muitos pensam. Sabe-se que as crianças nascem com capacidades biológicas para desenvolver essa competência, mas tal desenvolvimento só irá ocorrer na interação do bebê com outros sujeitos falantes. Ouvindo os adultos cuidadores (família, professora) e outras crianças, ele vai se apropriando, num processo de negociação de sentidos, dos modos de falar dos sujeitos com os quais convive. Podemos dizer, então, que a criança só aprende a falar pela mediação do outro. Na creche ou na escola o professor se constitui como esse outro que ao se comunicar oralmente com a criança, atribuindo sentidos aos seus balbucios quando ela ainda é bebê, mostra para ela como o discurso em nossa língua é organizado “[...] criando assim um lugar para a criança como sujeito falante no mundo” (AUGUSTO, 2011, p. 52)

Dessa forma, o trabalho pedagógico nas instituições da educação infantil, seja na creche ou na pré-escola tem um importante papel na aprendizagem da língua e no desenvolvimento da capacidade comunicativa das crianças. Para tanto, é necessário propiciar, intencionalmente, diversas situações de diálogos com os pequenos. Quando eles ainda são bebê, ações como cantar cantigas de ninar (acalantos), brincos (serra serra, serrador entre outros), conversas na hora do banho, das trocas de fralda, da alimentação, contar histórias, são exemplo de práticas muito valiosas para que a criança se constitua como sujeito falante. À medida que elas vão crescendo, é possível ampliar as estratégias de comunicação como sugere o Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998):

(...) quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p. 121).

Segundo Mello (2010), para Vigotski as crianças, no início, não conseguem compreender todas as palavras que um adulto fala; elas entendem partes de um determinado assunto ou acontecimentos que se desenrolam ao seu redor. Por isso, é importante que o professor fique atento para apreender o nível de compreensão que elas demonstram ter das palavras utilizadas na conversa oral. Concomitantemente, o professor deve fazer “uso intencional da fala para fazer avançar o desenvolvimento do pensamento infantil e o processo de generalização que condiciona a influência



da cultura sobre a criança” (MELLO, 2010, p. 130). Vigotski (PRESTES, 2012, p. 225) chama essa atividade de *obutchenie*, a qual contempla “a atividade autônoma da criança que é orientada por alguém que tem a intencionalidade de fazê-lo.”

Bissoli (2014, p. 836) ressalta que

(...) a apropriação e o desenvolvimento progressivo da linguagem oral [fala] interferem sobre a memória, a atenção, o pensamento, a percepção da criança já que as palavras são signos por excelência.

Vigotski (PRESTES, 2012) advoga que, ao aprender a usar a fala como instrumento do pensamento, a criança desenvolve outro olhar sobre o mundo em que está inserida e reestrutura a sua consciência.

Com intuito de ampliar o universo discursivo e cultural das crianças os professores que atuam nesse segmento podem lançar mão de outras estratégias além das que já foram apontadas neste texto. O trabalho com os gêneros da tradição oral como as cantigas de roda, parlendas, trava-línguas, acalantos, quadrinhas, adivinhas, entre outros é uma possibilidade bastante interessante, pois além de recuperar a cultura oral brasileira de um jeito que diverte e encanta as crianças, também contribui para o desenvolvimento da oralidade. De acordo com RCNEI (BRASIL, 1998, p. 141),

As poesias, parlendas, trava-línguas, os jogos de palavras, memorizados e repetidos, possibilitam às crianças atentarem não só aos conteúdos, mas também à forma, aos aspectos sonoros da linguagem, como ritmo e rimas, além das questões culturais e afetivas envolvidas.

Nessa experiência, em especial com as quadrinhas populares, tivemos como propósito contribuir para preservar a tradição oral, promovendo momentos de fruição, encantamento, brincadeiras, interação cultural, confirmando a vocação primeira desses textos que é “[...] explorar seu caráter oral, sua dimensão lúdica, sua forma original, com seus objetivos primeiros, que é brincar, contar, cantar, desafiar, rir, interagir [...]” (ARAUJO, 2011, p. 27).

Sendo assim, o enfoque do trabalho se deteve ao caráter oral e lúdico do texto (quadrinhas), ou seja, não foi realizada nenhuma atividade visando à reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, embora o trabalho com os textos da tradição oral possam contribuir para o letramento e alfabetização das crianças, pois, além de outros aspectos “favorecem o desenvolvimento da reflexão fonológica, que por sua vez ajuda a compreender o funcionamento do sistema alfabético, de base fonológica, fonográfica [...]” (ARAUJO, 2011, p.20).



A opção por não explorar os aspectos referentes à apropriação do código parte do entendimento de que na educação infantil o principal objetivo do trabalho com os textos orais não é a alfabetização, mas “implica numa troca, em interação cultural, transmissão e recepção como um ato de copresença, ato único que deve gerar prazer e belezas e envolver o corpo, a voz...” (ARAÚJO, 2011, p. 27). Entretanto, os aspectos sonoros da linguagem como ritmo e rimas não passaram despercebidos pelas crianças, isso, de alguma forma, contribuirá para a reflexão fonológica, importante aspecto para a aquisição do código.

### Relato da Experiência

Tendo a dimensão lúdica como propósito, a primeira autora buscou apresentar as quadrinhas às crianças por meio da brincadeira de roda.

Segundo Cascudo (1988), as brincadeiras de roda são brincadeiras do folclore dançadas ou cantadas apresentando melodias e coreografias simples. Quase sempre são realizadas com os participantes em pé e de mãos dadas, mas existem variações. Diferentemente de outras modalidades de canções populares, as cantigas e brincadeiras de roda destacam-se pela sua constância "(...) apesar de serem cantadas uma dentro das outras e com as mais curiosas deformações das letras, pela própria inconsciência com que são proferidas pelas bocas infantis." (CASCUDO, 1988, p. 676). Como já exposto, o objetivo principal do trabalho foi criar pretextos para que as crianças aprendessem e brincassem com as quadrinhas populares, mas é importante destacar o valor de manter viva a tradição das brincadeiras e cantigas de roda nas escolas. Essas brincadeiras também são instrumentos valiosos para o desenvolvimento da expressão oral.

Assim, durante a brincadeira foi apresentada a cantiga “Ciranda, cirandinha”. Como sabemos, essa cantiga sugere que a criança convidada a entrar na roda diga um verso. Nesse momento de brincadeira os primeiros versos foram sendo apresentados às crianças que naquele momento não conheciam nenhuma quadrinha. No que diz respeito aos textos da tradição oral o repertório das crianças das duas turmas se restringia a algumas parlendas, cantigas de roda e acalantos (cantigas de ninar).

Com o intuito de ampliar o repertório das turmas e envolver os familiares, foram confeccionadas várias fichas coloridas com fitinhas de cetim amarrada nas mesmas com várias quadrinhas e as crianças poderiam escolher ao menos uma para memorizar. As fichas foram colocadas em uma caixinha de madeira branca enfeitada com fuxicos. A ideia era que as crianças escolhessem sua ficha pela cor das fitinhas. Os familiares foram informados do trabalho desenvolvido com as turmas, e nessa oportunidade foi pedido para que auxiliassem aos filhos a memorizar pelo



menos uma quadrinha. Caso eles conhecessem uma quadrinha diferente das que estavam na ficha, também poderiam ensiná-las aos filhos.

Dessa forma, as crianças foram ampliando seu repertório, ao mesmo tempo, em que a família foi envolvida no projeto e, alguns familiares buscaram em suas memórias outras quadrinhas para ensiná-las aos filhos. Essa ação está em consonância com as ideias de Alves e colaboradores (2011, p. 50), de que é preciso “estimular, criar canais para que as famílias não apenas brinquem com as palavras com seus filhos, mas também socializem seus conhecimentos neste ramo da poesia.”

Pensando em outras possibilidades de as crianças recitarem as quadrinhas, foi incrementada a “Roda de Versos” inspirada na Cia Bola de Meia<sup>3</sup>. Para essa brincadeira, uma peneira foi enfeitada com várias fitinhas de cetim colorida. Em roda, as crianças iam passando a peneira enquanto cantavam a música “Passa a peneira menina, menino vem peneirar. Diga um verso com rima quando a peneira parar. Peneira, peneira, peneira passar, peneira, peneira, quando a peneira parar.” Nesse momento, a criança que estava segurando a peneira ia para o centro da roda, colocava a peneira na cabeça e recitava a quadrinha de sua preferência. Enquanto um grupo de crianças participava da roda, o outro grupo menor tocava, do jeitinho deles, alguns instrumentos (pandeiros e chocalhos). Aos poucos os grupos iam se revezando. Essa brincadeira foi realizada diversas vezes, ao longo do semestre, com muita alegria e descontração.

Outro momento em que as crianças tiveram a oportunidade de recitar as quadrinhas foi no sarau realizado na semana da criança. Nessa oportunidade, as professoras recitaram poesias, servindo de modelo para os pequenos. Nesse momento de interação cultural uma menina de 4 anos nos surpreendeu. Ao observar que as professoras estavam lendo as poesias, disse para sua professora que também queria ler a sua quadrinha. Ela foi até a sala e pegou a ficha com as quadrinhas que estava dentro de sua mochila para “ler” ao invés de recitar de cor. A atitude da menina nos lembra aquilo que Lerner (2002) nos diz sobre o ato de ler sem saber ler ou fingir que ler. Segundo a autora, essa é uma ação importante para o aprendizado da leitura, tendo em vista se configurar como um comportamento leitor, conteúdo a ser aprendido. Para Vigotski (PRESTES, 2012), esse seria um exemplo de Zona de Desenvolvimento Proximal ou Iminente, criada na atividade de imitação pela criança da ação de ler das professoras.

---

3 A Cia Bola de Meia é uma organização que tem como missão o resgate da cultura popular e da infância. Tem sede em São José dos Campos desde 1989. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xX93k7-0HgU>



Para potencializar a proposta em curso, a primeira autora levou para a sala de aula um sussurrador<sup>4</sup> – tubo de papelão enfeitado que permite sussurrar no ouvido das pessoas. Ela sussurrou uma quadrinha no ouvido de cada criança. As crianças gostaram muito dessa experiência, e logo quiseram aprender a usar o instrumento. Outros sussurradores foram enfeitados com a participação das crianças das duas turmas. Depois de sussurrarem quadrinhas nos ouvidos dos colegas, controlando a altura da voz, elas saíram pela escola compartilhando as quadrinhas que tinham memorizado para os colegas e professores das outras turmas. Quando os familiares chegavam para buscar seus filhos eram surpreendidos com sussurros de quadrinhas. As crianças, que até aquele momento não tinham conseguido memorizar uma quadrinha, ficaram muito mais interessadas, procurando memorizar os versos para usar o sussurrador, compartilhando com os colegas, professoras e familiares os versos que encantaram a todos que tiveram a oportunidade de ouvi-los.

### Avaliação dos resultados

A experiência foi bastante significativa, visto que as crianças das duas turmas se envolveram em todas as atividades propostas. Algumas delas apresentaram quadrinhas novas, ensinadas pelos familiares. No que se refere ao desenvolvimento da oralidade, é possível dizer que houve um avanço considerável, especialmente para as crianças mais tímidas, que procuraram aprender uma quadrinha para recitar nos momentos de brincadeira.

Os aspectos sonoros da linguagem como ritmo e rimas não passaram despercebidos pelas crianças. Acreditamos que tal experiência poderá contribuir para a reflexão fonológica, importante para a aquisição do código linguístico.

### Considerações Finais

---

4 Foi inspirado no performático Frânces Les Souffleurs (literalmente, os sopradores), que realiza intervenções em várias cidades do mundo sussurrando fragmentos de textos poéticos e filosóficos no ouvido das pessoas, numa tentativa de desaceleração do mundo.

Comandos poéticos é a performance mais famosa dos Les Souffleurs e foi apresentada na cidade de São Paulo, na virada cultural de 2009, quando sussurraram poesia em praças e bibliotecas.



Nas escolas, de modo geral, os textos da tradição oral têm sido apresentados, quase sempre, com o pretexto para desenvolver alguma atividade posterior seja de alfabetização ou de artes. O caráter lúdico, a exploração desses textos em termos de cultura oral tem sido pouco explorado. Assim, no trabalho apresentado, procuramos investir primeiramente na dimensão lúdica desses textos, especialmente das quadrinhas populares, proporcionando às crianças momentos de interação cultural envolvendo a linguagem posta em ação, “herança cultural oral, memória, voz, brincadeira [...]” (ARAUJO, 2011, p. 27). Com esse propósito, não foi difícil conseguir o engajamento das crianças. As meninas e os meninos se envolveram se divertiram, ficaram encantados e encantaram, confirmando que, como defende Bordini (1986 apud ARAUJO, 2011, p. 20), os textos da tradição oral, especialmente os poéticos podem nos proporcionar “o verdadeiro prazer do texto, aquele em que o leitor se entrega de corpo e alma às encantações da linguagem.”

Acreditamos que, se pretendemos que as nossas práticas pedagógicas concorram para manter viva a tradição oral não vale apresentar esses textos somente como pretexto para realizar alguma atividade posterior, mas permitir que as crianças brinquem com eles, só assim eles ficarão gravados nas memórias afetivas delas. É claro, como defende Araujo (2011), que esses textos podem ser usados para a alfabetização, mas antes disso, na educação infantil, as crianças precisam ter experiências brincantes com esses gêneros.

## Referências

ALVES, J. H. P.; SOUZA, R. J.; GARCIA, Y. M. R. **Lendo e Brincando com Sextilhas e Outros Versos**. In: *Leitura Literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. (orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ARAUJO, L. C. de. **...Quem os desmafagatizar bom desmafagatizador será: textos da tradição oral na alfabetização**. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Licaraujo/textos-da-tradio-oral-na-alfabetizao>. Acesso em 17.03.2017.

AUGUSTO, S. de O. A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil. **Caderno de formação**: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.v. 1.

BISSOLI, M. F. **O desenvolvimento da linguagem oral da criança**: contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a prática pedagógica na creche. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 829 - 854, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>. Acesso em 05/04/2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**.

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 3.



CASCUDO, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Editora Itatiaia. Belo Horizonte MG, 1988.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MELLO, S. A. A questão do meio na pedologia e suas implicações pedagógicas. **Revista Psicologia**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, v. 21, n. 4, p. 727-739, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/29197>>. Acesso em 07.07.2017.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa** – Traduções de Lev Semionovich Vigotski no Brasil. Autores Associados. Campinas, SP, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

